

As Respostas dos Adolescentes e dos Jovens Surdos ao Teste de Szondi

BRUNO GONÇALVES (*)
MARIA HELENA ALVES (**)

A presente investigação, como projecto de pesquisa-acção, inscreve-se nas actividades desenvolvidas por um Serviço de Orientação Profissional, concebido e implementado para o atendimento de jovens surdos. Este serviço, que se encontra em funcionamento desde Julho de 1989, tem como objectivo facilitar a formação e integração profissional dos surdos e insere-se num Programa de Gestão Integrada¹ que envolve várias instituições e serviços da área da Grande Lisboa, vocacionados para a reabilitação, escolarização e formação profissional de surdos.

A Unidade de Orientação Profissional recorrem jovens entre os 16 e os 25 anos cujo prognóstico escolar reservado orienta para a formação profissional. São, em geral, surdos profundos (surdez neurosensorial bilateral profunda), com equivalência a 4 a 6 anos de escolaridade e 8 a 10 anos de reabilitação com métodos oralistas.

A maioria destes sujeitos apresenta uma capa-

cidade de comunicação limitada (a nível oral, da escrita ou gestual), o que afecta os contactos sociais. Por outro, lado a informação escolar e profissional que possuem é pobre e manifestam pouca capacidade para tomar decisões.

Os técnicos que acompanham a integração profissional destes jovens referem que grande número de insucessos no emprego não se devem a falta de competências técnicas mas à perturbação do contacto, das relações interpessoais e sociais.

Assim, durante o processo de orientação profissional, surgiu a necessidade de identificar um instrumento de análise das características da personalidade que, não implicando oralidade, fosse de fácil aplicação em linguagem gestual e permitisse diagnosticar estruturas patológicas de personalidade exigindo eventualmente o encaminhamento para apoios psicoterapêuticos.

A utilização de questionários escritos está fortemente dependente do grau de aquisição da linguagem e parecia totalmente inadequada quando se pretendia estudar uma população com dificuldades escolares mais ou menos importantes. É certo que ultimamente têm sido propostas traduções em linguagem gestual destes questionários². Mas já assinalámos que, por razões que se prendem com a orientação geral dos mé-

(*) Professor Auxiliar, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

(**) Psicóloga. Coordenadora Técnica da Unidade de Orientação Profissional do «Programa de gestão integrada de recursos e encaminhamentos para a formação profissional e integração de pessoas surdas da zona da Grande Lisboa».

¹ Este programa, considerado uma AML – Actividade Modelo Local –, integra-se no Programa Hélios da Comunidade Europeia.

² Podem encontrar-se indicações bibliográficas sobre o problema em B.A. Brauer (1992).

todos de reabilitação utilizados, a maior parte dos nossos sujeitos sofrem de limitações importantes na utilização desta linguagem. Pareceu-nos assim que o teste de Szondi, cuja aplicação implica apenas instruções extremamente simples e que encontram fácil equivalência em linguagem gestual, seria o mais adequado para o fim em vista.

1. OBJECTIVO DA INVESTIGAÇÃO. HIPÓTESES

Decidimos empreender um estudo do conjunto das respostas destes sujeitos ao teste de Szondi com um duplo objectivo .

Antes de mais trata-se simplesmente de definir um quadro geral que permita situar melhor as respostas individuais – já que a prática clínica tornou rapidamente evidente que a referência exclusiva aos dados conhecidos sobre a população ouvinte levanta problemas de interpretação delicados.

Em segundo lugar, pretende-se esboçar uma interpretação dos traços característicos deste quadro geral numa perspectiva diferencial.

É preciso no entanto ressaltar desde já que a eventual existência de traços comuns não implica necessariamente a existência de uma «personalidade típica» mais ou menos definida.

Na verdade, parece legítimo supôr que a surdez precoce tem um efeito perturbador sobre a relação mãe-criança (não considerando aqui o caso particular das crianças filhas de pais surdos) o que não pode deixar de repercutir-se sobre o desenvolvimento da personalidade. Ou, numa perspectiva ligeiramente diferente (mas convergente), acentuar que a perturbação no desenvolvimento da linguagem dificulta a constituição da própria «unidade e identidade da pessoa». Mas daí não decorre que se possa definir uma «personalidade do surdo» sem ter em conta as diferenças individuais. Com efeito, trata-se de uma população heterogénea e esta perspectiva «tipificadora» tem sido contestada³.

Parece assim que nos devemos limitar a um procedimento essencialmente descritivo.

No entanto, J. Schotte propôs uma leitura estrutural do «esquema pulsional» szondiano que visa situar os seus «vectores» em vários níveis articulados, de complexidade crescente. Assim, num nível «básico», de que Schotte se tem esforçado por mostrar a especificidade e o carácter «pré-objectal», encontraríamos o vector C ou vector do «contacto». O vector Sch, ou vector do «eu», situar-se-ia no extremo oposto, de máxima complexidade, em que o sujeito se vê confrontado com a necessidade de se assumir como tal, na primeira pessoa, para lá da dialéctica sujeito-objecto característica dos vectores intermédios (S e P)⁴.

Podemos assim, sem tentar estabelecer um «perfil típico», interrogarmo-nos sobre o nível em que se situa predominantemente a problemática destes sujeitos.

Uma das questões fundamentais subjacentes a esta investigação – questão que o instrumento utilizado e o quadro teórico referido permite assim circunscrever – é a de saber até que ponto esta problemática deve ser primordialmente referida ao «eu» ou, pelo contrário, deve ser situada a um nível mais «básico», nomeadamente o nível do vector do «contacto».

A favor da primeira hipótese poderiam aduzir-se as considerações que ligam estreitamente o desenvolvimento da linguagem com o processo de identificação (Myklebust, 1975, p. 134) e de constituição da unidade da pessoa, assim como a propensão a desenvolver traços paranóides (factor *p*), por vezes atribuída aos surdos⁵. A favor da segunda, poder-se-ia notar que Szondi situa a relação primordial com o «objecto» no vector C – e que seria portanto aí que viriam marcar-se, antes de mais, as eventuais perturbações das relações precoces.

⁴ Recordemos que Szondi distingue 4 «vectores», constituídos cada um por um par de «factores»: C (factores *d e m*), S (*h e s*), P (*e e hy*) e Sch (*k e p*). Para uma apresentação sintética das ideias de J. Schotte e da Escola de Lovaina, cf. J. Melon & Ph. Lekeuche (1989).

⁵ Os autores de língua alemã descreveram mesmo um «delírio de relação dos surdos» (V. Caillard & H. Loo, 1984). Mas a existência de tendências paranóides não parece confirmada pelas investigações mais recentes. Cf. J. Ajuriaguerra & J. Abensur (1972) e Myklebust (1975).

³ Cf. D. Colin (1978), p. 9 e pp. 84-86.

Parece evidente que o sujeito não se pode constituir enquanto tal senão *na* linguagem⁶. No entanto, o privilégio exclusivo que os autores de orientação dinâmica tendem a atribuir à linguagem *verbal* no processo de constituição do eu pode conduzir a conclusões erróneas no que respeita ao desenvolvimento das crianças surdas (Freedman, 1976). Por outro lado, no próprio campo da teoria szondiana, se é verdade que as diferentes componentes do vector Sch podem ser relacionadas com as dimensões do funcionamento linguístico (A. Zenoni, 1973), esta correspondência não pode ser entendida num sentido estrito (J. Schotte, 1972): há, nomeadamente, um nível de «contactual» da linguagem, um nível em que, antes de «comunicar» qualquer mensagem, se pretende simplesmente «entrar em contacto», «participar na conversa».

2. AMOSTRAS ESTUDADAS

Além dos jovens em orientação profissional, e a fim de podermos enquadrar os nossos resultados numa perspectiva de desenvolvimento, recolhemos igualmente as respostas de adolescentes surdos (12-16 anos) frequentando uma escola primária do ensino especial⁷. Embora se possa considerar que a nossa amostra da unidade de orientação profissional exclui os casos de evolução mais favorável, estas duas amostras parecem-nos relativamente homogéneas, com excepção da variável idade.

Assim, e tendo igualmente em conta a organização dos dados disponíveis sobre a população ouvinte, resolvemos adoptar um critério etário⁸ neste primeiro exame dos dados. Estudámos portanto separadamente um grupo de 18 adolescentes (12 rapazes, 6 raparigas) com idades

⁶ D. Bouvet (1989) acentua fortemente esta perspectiva ao abordar o problema da criança surda. Numa linha diferente, Sacks (1990, p. 149) lembra a importância da aquisição da linguagem para o estabelecimento da dominância do hemisfério esquerdo no funcionamento cerebral.

⁷ Também nalguns destes casos se punha a questão da eventual existência de perturbações do desenvolvimento relacional e afectivo.

⁸ Este critério coincide, grosso modo, com a distinção entre as duas fontes do nosso material.

compreendidas entre os 13 e os 16 anos e um grupo de 20 «jovens adultos» (12 do sexo masculino, 8 do sexo feminino) com idades entre os 17 e os 23 anos.

3. RESULTADOS DOS ADOLESCENTES SURDOS

A fim de caracterizar globalmente as respostas dos adolescentes surdos comparámo-las com os dados sintetizados por Lambot (médias 13-16 anos). Apresentamos no Quadro 1 as frequências que dão lugar a diferenças significativas (teste t de Student⁹ supondo a igualdade de variâncias).

Encontramos diferenças importantes no vector S: os surdos investem maciçamente o corpo, quer na sua vertente erótica ($h+!$), quer na sua vertente activa/agressiva ($s+!$). A importância da componente agressiva parece confirmada, ao nível propriamente afectivo, pelo peso da tendência $e-$ (acumulação de afectos toscos, recusa da lei ética).

Mas as diferenças mais marcantes referem-se sem dúvida ao factor m , onde a posição $m-$ domina fortemente, em detrimento de $m+$ (notar que a frequência de $m-$ é cerca de 6 vezes superior à que se observa na população ouvinte e a de $m+$ 5 vezes inferior).

Sabemos que a posição $m-$ é rara nos adolescentes ouvintes a partir dos 14 anos (como aliás na população adulta) e é quase sempre interpretada pejorativamente.

No entanto sabemos também que é uma posição bastante frequente na latência (50% aos 9-10 anos). Szondi (1972) via na imagem $C0-$, quando aparece nesta idade, uma reacção hipomaniaca à perda de confiança nos pais. A concepção de J. Schotte sobre o «circuito» do contacto permite eventualmente ver aqui um momento necessário na estruturação do contacto. Se é assim, este momento – que corresponderia à ruptura com o «mundo materno» – é normalmente ultrapassado na adolescência, já que $m+$ se torna então maciçamente dominante.

Uma primeira interpretação dos resultados

⁹ Recorremos a este teste estatístico porque dispomos apenas de indicações sobre as médias das diferentes posições na população ouvinte.

QUADRO 1
Comparação entre adolescentes surdos e ouvintes

	SURDOS 13-16a	OUVINTES 13-16a
m0	25.8	6.0**
m+	16.4	79.5***
m-	45.7	7.5***
ho	4.4	25.5***
h+	82.1	55.0***
h+!	43.6	18.0*** ¹
h-	4.6	11.5***
s+	65.7	44.5**
s+!	28.1	9.0*** ¹
s-	9.4	20.5**
s±	9.6	21.0**
e0	15.7	29.5**
e+	12.7	32.0***
e-	52.5	24.5**
k0	32.1	15.0**
k±	7.8	19.5***
p0	22.4	32.5*

Frequências em %. Teste t de Student. Níveis de significância .05(*), .01(**), .001(***)

¹ 13-14 anos (únicos dados disponíveis).

dos adolescentes surdos poderia assim apontar para um «atraso» global do desenvolvimento afectivo. Parece no entanto arriscado interpretar a posição *m-* como traduzindo uma verdadeira autonomização (Mélon, 1980), já que estes sujeitos são, em geral (em razão da sua própria deficiência), relativamente dependentes. Neste sentido seria talvez melhor dizer que estes adolescentes procuram sem sucesso desligar-se, cortar uma relação de dependência em que funcionam continuamente. A frequência de *m0* parece de resto confirmar esta imaturidade do contacto.

Esta interpretação em termos de «atraso» parece tanto mais sugestiva quanto a maioria dos outros traços característicos assinalados (*h+!*, *s+!*, *e-* e até, embora menos nitidamente, *k0*) são igualmente típicos das crianças com 9-10 anos.

4. VARIAÇÃO DAS RESPOSTAS EM FUNÇÃO DA IDADE

Quando comparamos os adolescentes surdos

com os jovens adultos surdos encontramos, de facto, um aumento das posições *m+*. Mas, não só este aumento não é estatisticamente significativo, como a frequência de *m-* se mantém praticamente idêntica. Como se pode ver no Quadro 2, as diferenças significativas referem-se exclusivamente ao factor *e*: os jovens adultos surdos tendem a adoptar uma posição mais conformista (*e+*) ou, eventualmente, a encontrar formas mais ou menos adequadas para «descarregar» os seus afectos agressivos (*e0*), aproximando-se bastante, neste aspecto, da configuração média dos adolescentes ou dos adultos ouvintes.

Com excepção deste factor, as nossas duas amostras de surdos parecem bastante homogêneas.

Aliás, se estudarmos as variáveis correlacionadas com a variável idade no conjunto das duas amostras de surdos, encontramos apenas três correlações significativas ($\alpha=.05$) que indicam que as respostas *e-!*, *P-0* e *Sch±* tendem a diminuir com a idade (a frequência destas respostas é, de qualquer modo, baixa, mesmo nos sujeitos mais jovens: 4,4%, 13,9% e 3,3%, respectivamente).

5. RESULTADOS DOS JOVENS ADULTOS SURDOS

Os resultados dos jovens adultos surdos podem ser estudados com mais pormenor. Dispostos aqui de dados sobre as frequências das imagens *vectoriais*¹⁰ na população ouvinte. Por outro lado, embora ainda não tenhamos recolhido uma amostra normal comparável, podemos utilizar uma amostra de 22 adultos mais velhos mas de nível cultural igualmente baixo¹¹. Indica-

¹⁰ As imagens vectoriais correspondem às diferentes combinações de posições nos dois factores que integram cada um dos vectores. Existem 4 posições possíveis em cada factor, de que resultam 16 imagens diferentes para cada vector.

¹¹ O recurso a esta amostra parece-nos preferível à referência exclusiva às «normas» estabelecidas por Szondi ou Soto Yarritu, não só porque é constituída por sujeitos com a mesma nacionalidade e com um nível de instrução próximo do da nossa amostra de surdos, mas também porque dispomos, neste caso, de dados completos sobre a distribuição das respostas, o que nos permite utilizar testes estatísticos mais adequados.

QUADRO 2
Resultados factoriais das duas amostras de surdos

	0		+		-		±	
	13-16	17-23	13-16	17-23	13-16	17-23	13-16	17-23
h	4.4	9.9	82.1	69.3	4.6	8.7	8.9	12.1
s	15.3	11.9	65.7	62.0	9.4	9.5	9.6	16.6
e	15.7	29.8*	12.7	26.5*	52.5	27.9*	19.2	15.9
hy	23.1	22.5	8.5	5.5	62.8	64.9	5.7	7.2
k	32.1	31.9	11.7	9.8	48.5	49.2	7.8	9.1
p	22.4	33.7	24.2	21.4	41.3	33.2	12.2	11.7
d	42.1	38.5	19.4	16.7	32.9	37.7	5.6	7.2
m	25.8	20.0	16.4	34.4	45.7	37.3	12.1	8.5

Frequências em %. Teste U de Mann-Whitney. Nível de significância: 0,5 (*)

mos no Quadro 3 todas as frequências que dão lugar a diferenças estatisticamente significativas ($\alpha=.05$).

QUADRO 3
Comparação entre jovens adultos surdos e ouvintes

	SURDOS 17-23a	OUVINTES 21-34a
m0	20.0	6.7*
m+	34.4	82.0***
m+!	17.4	38.6*
m-	37.3	7.0***
m-!	7.7	0.0*
CO+	9.4	27.5**
CO-	18.0	0.5**
C--	7.9	0.0**
s+	62.0	39.3*
s-	9.5	32.2*
s-!	1.0	11.6*
S++	46.9	23.9*
S±±	6.1	0.5*
PO+	0.0	3.8*
PO±	1.5	8.5*
P-±	1.7	9.4*
p±	11.7	3.0*
Sch±-	0.7	6.2*

Frequências em %. Teste U de Mann-Whitney.
Níveis de significância: .05(*), .01(**), .001(***)

Este Quadro faz ressaltar mais uma vez a importância das diferenças relativas ao *factor m*. No entanto temos agora indicações sobre a constelação *vectorial* em que se insere a posição *m-*. É verdade que a imagem da ruptura total do contacto («Kontaktsperre»: C- -) atinge uma frequência elevada (e aparece pelo menos uma vez em cerca de 1/3 dos sujeitos), o que sugere um perigo real de total isolamento. No entanto, a constelação factorial mais frequente é a imagem hipomaniaca C0-.

Seria necessário estudar os surdos adultos para chegar a uma conclusão definitiva, mas estes resultados sugerem que esta configuração não traduz propriamente um momento de passagem, um simples «atraso» no desenvolvimento afectivo, mas antes uma «solução» estável (se se pode dizer) do problema do contacto (pelo menos para a maioria dos sujeitos).

Uma outra forma de analisar o significado e o papel estrutural da posição *m-* nestes sujeitos é analisar as ligações existentes entre esta posição e as posições assumidas nos outros factores pulsionais. Dado que a frequência desta posição não varia significativamente com a idade, parece-nos aceitável, para este efeito, reagrupar a totalidade dos nossos sujeitos surdos. Dividimos este conjunto em dois grupos, tomando como critério a frequência relativa de *m+* e *m-* (Quadro 4). O grupo mais numeroso, como seria de esperar, é aquele em que o número de posições *m-* é superior ou igual ao das posições *m+* (25 sujeitos

QUADRO 4
 Divisão dos sujeitos em função da frequência
 de $m+$ e $m-$

	$m+ > m-$ (n=13)	$m- \geq m+$ (n=25)
$m+$	61.8	7.2***
$m-$	7.2	59.0***
$m+!$	25.6	1.4**
$m-!$	1.5	12.2*
$h0$	11.2	5.3*
$h+$	60.8	82.9*
$h-$	16.6	1.6**
$h+!$	15.8	52.4***
$e+!$	3.8	0.0*
$hy0$	12.5	28.1*
$hy-!$	20.3	8.3*

Frequências em %. Teste U de Mann-Whitney.
 Níveis de significância: .05(*), .01(**), .001(***)

contra 13). Ora, neste grupo, a frequência de $h+$ e, sobretudo, de $h+!$ é muito mais elevada. Esta ligação entre o pedido de amor frustrado ($h+!$) e a ruptura do contacto ($m-$) parece-nos particularmente sugestiva.

O mesmo facto pode ser posto em evidência através do estudo das correlações entre o factor m e os outros factores: há uma ligação muito estreita entre $m-$ (ou $m-!$) e $h+$ ou $h+!$. Este estudo permite igualmente verificar a ligação preferencial de $m-$ com $d0$ ¹², que se traduz na frequência da imagem $C0-$, não só entre os jovens adultos (como já assinalámos), mas igualmente entre os adolescentes surdos.

O que caracteriza no entanto sobretudo o *vector S* nos jovens adultos surdos em comparação com a população ouvinte (Quadro 3), não é tanto o factor h , mas sim o factor s , onde se manifesta um investimento maciço do corpo activo/agressivo (frequência de $s+$, quase ausência de

$s-$). A exacerbação frequente desta tendência (21% de $s+!$) indica que estes sujeitos sofrem, a este nível, uma certa frustração.

As diferenças no *vector P*, remetem sobretudo para a relativa raridade, nos surdos, da tensão subjectiva no domínio da expressão dos afectos ($P0\pm$, $P-\pm$). Mas, mesmo na população ouvinte, estas imagens são pouco frequentes. Na verdade, se se quiser caracterizar descritivamente a configuração do vector P no conjunto das duas amostras, parece preferível distinguir um sub-grupo em que as manifestações afectivas são pouco controladas ($hy0$ domina, em ligação com $m-$) e um outro sub-grupo (menos numeroso) no qual, pelo contrário, tende a estabelecer-se uma barreira ($hy-$, $hy-!$) contra a expressão dos afectos (cfr. Quadro 4).

No *vector Sch*, as diferenças constatadas em $k0$, $k\pm$ e $p0$ na comparação entre adolescentes, deixam de ser significativas¹³ no confronto dos jovens adultos com a população ouvinte. Pode, de resto, observar-se que a frequência das três imagens mais frequentes ($Sch-0$, $Sch--$, $Sch0-$) é bastante próxima da que pode ser observada na população ouvinte. O único traço característico é agora a frequência relativamente elevada de sinais de um dilema identificatório ($p\pm$)¹⁴, aliás também ligado com a ruptura do contacto (correlação entre $m-$ e $p\pm$ significativa ao nível .05).

A fim de verificar o sentido geral desta análise, comparativa e comprovar que os nossos grupos se distinguem globalmente decidimos proceder a uma análise *classificatória* a partir do conjunto das duas amostras (surdos e ouvintes). Utilizando o método das k -médias, constituímos dois «clusters» tendo exclusivamente em conta as respostas dos sujeitos e recorrendo apenas às variáveis factoriais (sem as reagrupar). Indicamos, no Quadro 5, o número de sujeitos surdos e ouvintes que ficam assim classificados em cada «cluster», bem como o valor do chi-quadrado

¹² Todas as correlações referidas são significativas ao nível .01. Uma análise classificatória – cujos resultados esperamos apresentar noutra ocasião – permite mostrar que as variáveis mencionadas, conjuntamente com $e\pm$, $hy0$, $hy+!$, $p-$ e $k0$, constituem, nesta população, um «cluster» bem definido.

¹³ O que também pode ser devido, em parte, ao facto de utilizarmos agora um teste estatístico mais exigente

¹⁴ Mas mesmo este traço deve ser interpretado com precaução dado que Soto Yarritu encontrou uma frequência ainda mais elevada de $p\pm$ na sua grande amostra normal (cf. Melon, 1975, p. 328).

QUADRO 5
Análise Classificatória

		N total	SURDOS	OUVINTES
Total	Cluster 1	27	16	11
	Cluster 2	15	4	11
	$X^2 = 4.11$	$p < .0427$		
Vector C	Cluster 1	21	16	5
	Cluster 2	21	6	15
	$X^2 = 9.55$	$p < .0020$		
Vector S	Cluster 1	17	6	11
	Cluster 2	25	14	11
	$X^2 = 1.74$	$p < .1872$		
Vector P	Cluster 1	17	6	11
	Cluster 2	25	14	11
	$X^2 = 1.74$	$p < .1872$		
Vector Sch	Cluster 1	23	12	11
	Cluster 2	19	8	11
	$X^2 = 0.42$	$p < .5155$		

calculado a partir destas frequências. Utilizámos o mesmo procedimento para as variáveis relativas a cada um dos vectores.

O exame deste quadro mostra que a configuração geral das respostas dos sujeitos permite realmente separá-los em dois grupos que, com alguma imprecisão, correspondem às nossas duas amostras. Torna-se no entanto também evidente que esta distinção é particularmente nítida quando se considera apenas o vector do contacto e tende, pelo contrário, a desaparecer quando se consideram isoladamente os outros vectores.

6. COMENTÁRIO GERAL DOS RESULTADOS

Os traços diferenciais que decorrem das duas comparações efectuadas entre os surdos e a população ouvinte são bastante coerentes, neste sentido que quando se encontram diferenças significativas entre os surdos com mais de 16 anos e a população adulta, encontram-se igualmente diferenças no mesmo sentido entre os

adolescentes surdos e os dados reunidos por Lambot (1988).

Estes traços não sugerem que possa existir um funcionamento do «eu» característico da população surda. Em particular, não há qualquer indicação que vá no sentido da prevalência das tendências projectivas, ou de formas supostas mais «primitivas» do eu (*Sch 0-*, *Sch+-*).

As diferenças relativas ao «contacto» são, pelo contrário, particularmente nítidas e não parecem sofrer grandes modificações com a idade.

Parecerá talvez redundante falar de dificuldades de «contacto» a propósito desta população. Pode observar-se, no entanto, que, se podíamos supor, à partida, que estes sujeitos sofriam de frustrações importantes a este nível, nada sabíamos quanto à forma como lidavam com este problema. Poderiam, por exemplo, procurar «compensar» essa frustração pela acentuação da tendência a «agarrar-se» aos objectos (*m+!*, *d-*). Os resultados obtidos sugerem que, pelo contrário, a maioria tende a ultrapassar a sua frustração adoptando uma posição em que, como diz J. Schotte, a própria questão da frustração é

evacuada (deixa de ser sentida como tal). Poder-se-ia dizer que foram tão profundamente frustrados que renunciaram à esperança de poder reestabelecer o contacto.

7. CONFRONTO COM OS RESULTADOS DOUTRAS INVESTIGAÇÕES

A comparação destes resultados com as conclusões doutras investigações sobre a personalidade dos surdos exigiria uma reflexão prévia sobre os instrumentos utilizados e sobre a correspondência entre as dimensões avaliadas por esses instrumentos e os factores szondianos.

No entanto, e na medida em que a nossa amostra de jovens adultos exclui os casos que poderão atingir um nível de instrução mais elevado, é interessante referir a investigação bastante cuidadosa de Myklebust (1975) sobre surdos *universitários*. Utilizando o MMPI, Myklebust encontrou valores particularmente elevados nas escalas de *esquizofrenia* e de *hipomania* e valores particularmente baixos na escala de *introversão social*. Ao comentar estes resultados, este autor observa que os valores elevados na escala de esquizofrenia não traduzem uma perturbação psicótica, mas antes o isolamento real do surdo. E conclui (pp. 172-173) que os surdos «procuram uma sobre-compensação no gregarismo. São *agressivamente* extrovertidos sociais».

Parece-nos que a noção de «hipomania», tal como Szondi a utiliza, descreve bem este modo de funcionamento. Parece-nos também que é a partir desta perturbação do contacto – e não tanto, por exemplo, a partir duma fraqueza do desenvolvimento do super-eu, referida por outros investigadores – que devem ser compreendidos outros traços gerais atribuídos aos surdos¹⁵: ausência de controlo emocional, comportamento impulsivo, pouca tolerância à frustração. S. Déri (1949) via justamente na imagem *C0-*, o sinal de uma frustração profunda que leva o sujeito a negar a sua necessidade de apoio e a uma espécie de indiferença desesperada que pode, por sua vez, levar facilmente a um comportamento

agressivo, sobretudo quando domina no eu o mecanismo de projecção (*p-*). Aliás a insuficiência do controlo emocional encontram de facto uma certa tradução na frequência de *hy0* e *k0* na nossa amostra. Mas vimos que estas posições caracterizam apenas uma parte dos nossos sujeitos.

O peso da tendência *m-* permite talvez também compreender melhor um outro traço frequentemente mencionado como característica destes sujeitos: a sua imaturidade social. Esta é por vezes definida, pelo menos numa das suas dimensões (Myklebust, 1975, p. 219), em termos éticos (não avaliar as consequências dos seus actos, não se interessar pelos outros). Ora, se o vector *C* é, de facto, para Szondi, o vector da «sociabilidade», encontra-mo-nos aqui ao nível da comunicação participativa (ou da sua impossibilidade) – e não ao nível propriamente ético-moral (que corresponderia ao vector *P*).

Por outro lado, ao situar as repercussões psíquicas das dificuldades de comunicação destes jovens ao nível do «contacto» – entendido, no sentido preciso que J. Schotte tem vindo a promover, como nível básico, pré-objectal – somos levados a concordar com a tendência que se esboça actualmente no sentido de revalorizar a comunicação com estes sujeitos na sua «linguagem natural», em detrimento da opção anteriormente dominante que assentava numa concepção «instrumentalista» da linguagem (Bouvet, 1989) e se centrava exclusivamente na educação da oralidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajuriaguerra, J. & Abensur, J. (1972). Désordres psychopathologiques chez l'enfant sourd. *La Psychiatrie de l'Enfant*, 15(1): 217-244.
- Bouvet, D. (1989). *La parole de l'enfant, Pour une éducation bilingue de l'enfant sourd*. Paris: P.U.F.
- Brauer, B.A. (1992). The Signer Effect on MMPI Performance of Deaf Respondents. *Journal of Personality Assessment*, 58(2): 380-388.
- Caillard, V. & Loo, H. (1984). Mutité. In *Manuel alphabétique de psychiatrie* (A. Porot, Ed.), Paris: P.U.F.
- Colin, D. (1978). *Psychologie de l'enfant sourd*. Paris: Masson.
- Deri, S. (1949). *Introduction to the Szondi test, Theory and practice*. New York: Grune & Stratton.

¹⁵ Cf., por exemplo, G. Salvodelli (1975).

- Freedman, D. (1976). Angeborene Defekte, Die Auswirkung kongenitalen und perinatalen Sinnesverlustes auf die Entwicklung der Persönlichkeit. In *Die Psychologie des 20. Jahrhunderts*, vol.2, pp. 933-959, Zurich: Kindler.
- Lambot, P. (1988). *Point de vue szondiien sur la période 11-12/13-14 ans, Une étude comparative*. Mémoire inédit, Louvain-la-Neuve.
- Mélon, J. (1975). *Théorie et pratique du Szondi*. Liège: Presses Universitaires de Liège.
- Mélon, J. (1980). Le point de vue szondiien sur la période de latence. *Les feuillets psychiatriques de Liège*, 13(2): 140-159.
- Mélon, J. & Lekeuche, Ph. (1989). *Dialectique des pulsions* (2^eed.). Louvain-la-Neuve: Academia.
- Myklebust, H. (1975). *Psicologia del Sordo*. Madrid: Editorial Magisterio Español. (Edição original: *The Psychology of Deafness*, New York: Grune & Stratton, 1964).
- Sacks, O. (1990). *Des yeux pour entendre, Voyage au pays des sourds*. Paris: Seuil (Edição original: *Seeing Voices, A Journey into the World of the Deaf*, California: University of California Press, 1989).
- Salvodelli, G. (1975). Extraversión (E), Neurotizismo (N) und Psychotizismo (P) bei Gehörlosen und Ertaubten. *Arc. Psychiat. Nervenkr.*, 220: 213-223.
- Schotte, J. (1972). *L'oeuvre de Szondi: une théorie des moments ou dimensions constitutifs de l'acte d'exister*. Notas de curso (texto policopiado), Louvain.
- Szondi, L. (1972). *Lehrbuch der experimentellen Triebdiagnostik* (3^a ed.). Bern: Hans Huber.
- Zenoni, A. (1973). *Analyse du moi et langage, Essai d'articulation des théories analytiques du moi*. Tese de doutoramento, Univ. Cath. de Louvain.

RESUMO

Os autores estudam as características gerais das respostas ao teste de Szondi de uma amostra de adoles-

centes e de jovens adultos surdos (N=38). A comparação com os dados disponíveis sobre a população adolescente e com uma amostra de adultos ouvintes (N=22) não sugere diferenças importantes no que diz respeito ao vector do «eu» (vector Sch). Pelo contrário, o vector do «contacto» (vector C) apresenta, nos surdos, algumas características específicas nítidas que não parecem modificar-se substancialmente com a idade. O significado e as implicações gerais destes resultados são brevemente discutidos.

ABSTRACT

The authors study the general characteristics of the answers to the Szondi test of a sample of deaf adolescents and young adults (N=38). The comparison with the available data on hearing adolescents and with a sample of hearing adults (N=22) doesn't suggest any marked differences in the «ego» vector (Sch vector). On the contrary, the deaf's configuration of the «contact» vector (C vector) presents some very characteristic features that seem relatively independent of the subject's age. The meaning and general implications of this results are briefly discussed.

RESUME

Les auteurs étudient les caractéristiques générales des réponses au test de Szondi d'un échantillon d'adolescents et de jeunes adultes sourds (N=38). La confrontation avec les données disponibles sur les adolescents entendants et avec un échantillon d'adultes entendants (N=22) ne suggère pas de différences importantes en ce qui concerne le vecteur du «moi» (vecteur Sch). Par contre, le vecteur du «contact» (vecteur C) présente, chez les sourds, certaines caractéristiques spécifiques qui ne semblent pas subir de modifications importantes avec l'âge. Le sens et les implications générales de ces résultats sont brièvement discutés.